

## **LACERDA, Gustavo de**

\*jornalista.

*Gustavo Adolfo Braga*, nome registrado na certidão de nascimento arquivada no Ministério da Guerra de então, nasceu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital da província de Santa Catarina, hoje Florianópolis, a 18 de maio de 1854. Aos 22 anos de idade obteve permissão do Exército e mudou seu nome para *Gustavo de Lacerda*.

Ingressou no Exército em 8 de março de 1870 na condição de praça voluntário, no Depósito de Instrução do Desterro, 13º Batalhão de Independência, e foi sucessivamente promovido a cabo, furriel e segundo-sargento. Na Escola Militar de sua cidade, foi secretário do comandante, general Tibúrcio de Sousa, que, ao notar a sua inteligência e vivacidade de espírito, estimulou-o a estudar. Autodidata, aprendeu a escrever bem o português, iniciou estudos de francês e teve acesso a livros que circulavam entre amigos sobre as ideias socialistas da época. Quando esses temas chegaram à caserna, foi desligado em 1871 no posto de primeiro-sargento por “demonstrar ideias socialistas assaz avançadas”, segundo o historiador Fernando Segismundo, “e também por atos de indisciplina”, segundo Edmar Morel. Em 1876 transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital do Império, mas regressou ao Desterro e ao Exército na função de amanuense e prático da arma de infantaria. Finalmente deu baixa em 1881.

Mulato magro e alto, nascido em família pobre, sempre mal vestido, mas inteligente e com alguma cultura haurida de leituras francesas, tentou melhorar de vida mudando-se para Santos, onde, no emprego de guarda-livros, encontrou dificuldades para manter-se. Tentou novamente a Corte, e então conseguiu demonstrar seu talento para a reportagem. Em certo momento de sua vida profissional trabalhou em três jornais, para manter existência modesta, mas agitada, em permanente contato com os colegas de profissão. No dia 1º de janeiro de 1884 estava nas ruas o primeiro número do seu jornal, o *Meio Dia*. Em suas páginas Lacerda proclamava-se republicano independente, sem partido nem clube político,

e afirmava: “Os partidos não têm programas nem princípios, menos idéias e união — só têm chapas.” O *Meio Dia* teve curta existência, não durou um mês. Falido e sem recursos para sobreviver, aceitou emprego de repórter de setor no jornal *O País*, de João Lage, em que trabalharia até morrer.

Ao mesmo tempo foi repórter e revisor de *A Imprensa*, de Rui Barbosa, e no governo do presidente Campos Sales (1898-1902) trabalhou também no *Jornal do Brasil*. Quando os carroceiros da cidade entraram em greve e Lacerda publicou reportagem favorável aos grevistas, o editorial do *Jornal do Brasil* atacou o ministro da Justiça, Epitácio Pessoa, por ter ordenado a “dois encostados da polícia atirarem para matar no nosso repórter Gustavo de Lacerda, na ladeira do Castro, que denunciou as violências praticadas por ordem do governo contra carroceiros em greve”. Segundo Nelson Werneck Sodré, “Gustavo de Lacerda, repórter ousado, ganhava notoriedade antes gozada por Ernesto Sena, do *Jornal do Comércio*, capaz de operar prodígios em busca da informação”. Para João Melo, citado por Fernando Segismundo, “repórter exato em suas obrigações e correto narrador dos eventos de cuja divulgação se encarregou, [Lacerda] era visto como um agitador e não como um jornalista (...) cumpridor dos deveres de sua profissão. É que lhe sabiam o pendor político”.

Jornalista exemplar, mas imbuído das ideias socialistas da época, “de um socialismo um tanto confuso, resultado de leituras desiguais, porém praticado com o nobre desígnio de suavizar a sorte dos trabalhadores”, segundo Fernando Segismundo, Lacerda não encontrou adeptos entre os colegas das redações. Após a proclamação da República, surgiram os primeiros partidos socialistas e operários, mais de cunho reformista do que revolucionário, escreve Evaristo de Moraes Filho. Em 1890, sem deixar a redação de *O País*, e ainda repórter do *Jornal do Brasil*, Gustavo de Lacerda voltou-se para a então incipiente imprensa operária. Foi um dos redatores de *A Voz do Povo* e, mais tarde, de *O Eco Popular*, ambos de existência efêmera. Em 1901 publicou um pequeno livro intitulado *O problema operário no Brasil*, com o subtítulo *Propaganda socialista*. Para Afonso Arinos, “a posição

de Lacerda parecia ser qualquer coisa entre o socialismo de Blanqui e o de Tolstoi. Lacerda mostra ter compreendido a necessidade de se desprender o proletariado brasileiro da tradição anarquista”.

Em 1892 Lacerda associou-se ao Centro Operário Radical e, segundo Astrogildo Pereira, escreveu sobre o problema da terra e da reforma agrária, o combate aos monopólios e privilégios, a limitação das horas de trabalho aos menores, a fiscalização das condições de higiene nos locais de trabalho e nas instalações operárias, a gratuidade da justiça, e a assistência patronal em casos de acidentes e doenças contraídas no trabalho. Pensou então em organizar uma instituição de profissionais da imprensa e se bateu infatigavelmente até ver concretizado o que defendia. Sabia bem, e proclamava, que “o jornalismo, entre nós, não é uma profissão: ou é oito, ou é escada para galgar posições”. Sonhava com uma organização do tipo sindical, ocupada em defender os interesses de seus associados. As dificuldades que enfrentou foram enormes. Fernando Segismundo estudou-as e caracterizou-as com precisão: “Tendo trabalhado ao lado de Artur Azevedo, Pardal Mallet, José do Patrocínio e outros expoentes do jornalismo do XIX século, os quais o distinguiram pessoalmente e lhe admiravam o labor profissional, lógico será pensar que Gustavo de Lacerda não atingiu o fastígio da carreira, menos por modéstia intelectual ou desambição, do que por implícita determinação de seus superiores, os donos dos jornais onde mourejou desde 1880.”

No dia 7 de abril de 1909, sábado de sol, pela tarde, numa sala do terceiro pavimento de *O País*, foi instituída a Associação de Imprensa, mais tarde Associação Brasileira de Imprensa, ideia logo atacada pelos donos dos jornais, que a consideravam “um grupo de malandros chefiados por um anarquista perigoso”. Convocados dezenas de jornalistas para o ato, só compareceram nove. Eleito presidente, Lacerda redigiu o estatuto da entidade, calcado em molde francês segundo o qual o grêmio devia manter caixa de pensões e auxílios para os sócios e suas famílias, um serviço de assistência médica e farmacêutica, um retiro com enfermaria e residência para velhos e enfermos, biblioteca, salões de

conferências e diversões. Também devia abrir espaço, por meio de título de capacidade intelectual e moral, ao aspirante à profissão de jornalista.

Dezessete meses depois, em setembro de 1909, aos 55 anos, Gustavo de Lacerda morria como indigente na Santa Casa de Misericórdia.

*Cícero Sandroni*

FONTE: SEGISMUNDO, F. *ABI*.